

A cidade pequena e sua relação com a cidade Média: o caso da cidade pequena de Paraguaçu - MG no contexto da globalização

André de Paula Silva²⁰
Sandra de Castro de Azevedo²¹

Introdução

Durante muito tempo no mundo acadêmico as cidades pequenas e médias não eram consideradas importantes objetos de estudos da ciência geográfica, pois o foco dos estudos eram preferencialmente as cidades grandes e as metrópoles, fato que contribuiu para o processo de desvalorização das cidades médias e principalmente das cidades pequenas que eram estereotipadas de uma única forma, um lugar calmo, pacato e atrasado.

Abordar cidades médias e pequenas na atualidade é uma tarefa de grande relevância. A dimensão que tais aglomerações urbanas têm tomado no cenário atual, principalmente mediado pelo processo de globalização econômica, vem se acentuando constantemente. Conforme Damiani (2010), as políticas neoliberais a partir da década de 1980, influenciadas por tal processo de globalização, surgiram com o intuito de desconcentrar as políticas urbanas para menores aglomerações.

Assim, o principal objetivo do presente estudo é evidenciar a importância das cidades médias e pequenas no contexto da globalização e suas respectivas funções nessa conjuntura, tendo como base a cidade pequena de Paraguaçu – MG e a cidade média de Alfenas – MG, ambas localizadas na região sul/sudoeste do estado de Minas Gerais. Para tanto, foi realizada análise bibliográfica sobre a temática e coleta de dados secundários do IBGE para balizar de forma adequada esta pesquisa e cumprir seus objetivos.

Na era globalizada em que vivemos fica cada vez mais complexo pensar que as relações espaciais possam ser isoladas. Diante deste contexto este texto parte de uma breve compreensão do processo de globalização e sua influência nas dinâmicas das cidades pequenas e médias, posteriormente é realizado um recorte espacial com objetivo de aprofundar a discussão sobre as cidades pequenas e médias de Minas Gerais, para embasar a

²⁰ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas - MG e Professor da Educação Básica no Estado de Minas Gerais. E-mail: andre.paula@sou.unifal-mg.edu.br

²¹ Professora Doutora na Universidade Federal de Alfenas – MG. E-mail: Sandra.azevedo@unifal-mg.edu.br

análise que segue da cidade pequena de Paraguaçu e da cidade Média de Alfenas, finalizando com uma análise da dinâmica que envolve as duas cidades.

Esse texto que é resultado de uma pesquisa de mestrado contribui para ampliar o entendimento e as discussões sobre a diversidade das cidades médias e pequenas.

Cidades pequenas e médias na perspectiva da globalização

Após o capitalismo financeiro e a evolução das comunicações, pode se dizer que de uma forma ou de outra os elos financeiros internacionais fizeram com que a hierarquia e até mesmo a rede urbana fossem repensadas, configurando uma nova dinâmica.

O período atual da globalização define possibilidades de contatos múltiplos entre cidades de todas as dimensões e define uma simultaneidade de comunicação ou uma rede intrincada de relacionamentos, rompendo as estritas hierarquias e, portanto, deve determinar a reconsideração das hierarquias como tradicionalmente propostas: há elos financeiros de agentes financeiros internacionais em toda e qualquer cidade. O planejamento nacional foi substituído por planejamentos estratégicos, envolvendo redes de cidades; cidades estas de mais de um tamanho, num elo direto, sem intermediações assentadas nas hierarquias. Milton Santos em *O espaço dividido* fala da explosão das mesmas, com a globalização (DAMIANI, 2006, p. 136).

Partindo deste princípio, a autora ainda explana sobre a descentralização oriunda do processo de globalização em que tanto cidades pequenas como médias tomam maior atenção nas políticas públicas em relação às grandes cidades. Segundo a mesma, essa descentralização vem a partir dos anos de 1980 para corresponder às demandas das políticas neoliberais, em que estas demandas além de se preocuparem com as políticas econômicas, educacionais, entre outras, passaram também a influenciar as políticas urbanas.

A considerar a reorientação das políticas do Banco Mundial, que passam a utilizar, nos anos de 1980, a estratégia da gestão urbana descentralizada, “privilegiando o local, mais que o nacional, e as pequenas cidades em relação às grandes cidades”, paradoxalmente equivale a um “enquadramento cada vez mais pesado dos aparelhos institucionais de gestão da cidade”, em todas as escalas territoriais (Osmont, 1995: 147). Trata-se de um tratamento da cidade como entidade social e política, comportando “o desenvolvimento municipal, apoiando-se na gestão urbana local” (Osmont, 1995: 8). (DAMIANI, 2006, p. 141).

A partir do momento em que a gestão das cidades também foi incorporada a esse processo global, mais do que nunca fica evidente a participação das cidades pequenas e médias no cenário global, em que suas estruturas e políticas de desenvolvimento passam a responder a conjuntura macroeconômica nacional e conseqüentemente global.

Ou seja, pelas demandas e interesses neoliberais globais, tem-se nas políticas urbanas uma estruturação na escala local, mostrando a importância destas cidades nessa conjuntura.

Os projetos de desenvolvimento municipal remetem a políticas neoliberais, que definem desengajamento dos Estados, uma mutação do modelo tecnocrático centralizado, mas também equivalem à desconcentração dos poderes técnicos, até mesmo descentralização política, administrativa e orçamentária. Constituem-se as “hierarquias administradas”, definindo, sobretudo, os termos da “governança” local, da organização que permitirá produzir uma cidade cujo funcionamento será conforme ao que se espera num conjunto macroeconômico nacional reestruturado” (Osmont, 1995: 281), e que envolve conceber projetos urbanos, cuja base é o tratamento da cidade como empresa-cidade. Dos 571 municípios no Estado de São Paulo, do final dos anos 1970, passa-se, nos anos 90, a 645 municípios paulistas. Situação que coincide com o avanço da agroindústria para a exportação e a desconcentração industrial, de modo geral, portanto, com a ampliação e intensificação dos processos de capitalização em todo o estado (DAMIANI, 2006, p. 141).

Sposito (2010), designando a inserção das cidades pequenas e médias na atual conjuntura da globalização como induzido e o desenvolvimento do modo de produção capitalista como indutor, mostra a importância tanto de cidades pequenas como médias no contexto atual. Nesse sentido, as cidades médias e pequenas se configuram como induzido não apenas por si próprias, mas também pelas suas dinâmicas espaciais e pelos seus papéis nas redes urbanas, sendo, então, a base para o indutor, ou seja, o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Entretanto, é importante lembrar que esse processo não se dá de forma única, pois cada território tem suas singularidades e ressignificações.

A partir desse recorte analítico, tomamos as cidades médias e pequenas como o induzido e o desenvolvimento do modo de produção capitalista como indutor, mas não apenas isso, porque a redefinição dos papéis dessas cidades (na escala dos sistemas urbanos) e de suas dinâmicas de reestruturação espacial (escala das cidades e dos aglomerados urbanos) são a base, a partir da qual o movimento se torna possível e o vetor se realiza, ainda que não de forma homogênea e, tampouco, com a mesma intensidade em todos os territórios (SPOSITO, 2010, p. 61).

Dentro desta discussão da não homogeneização das cidades pequenas e médias, Moreira Júnior ao analisar a região metropolitana de Campinas afirma que,

O que mostra que, além das cidades médias, as cidades pequenas também tomam devida importância, tanto nas áreas metropolitanas como não metropolitanas, se inserindo em contextos diferentes, como expõe, Moreira Júnior (2014), sobre as cidades pequenas da Região Metropolitana de Campinas. De uma maneira geral, explorar mesmo que sucintamente, o perfil das regiões metropolitanas do país serve para confirmar um fato: a cidade pequena é uma experiência urbana presente em todas as porções do território nacional, seja em áreas metropolitanas ou não. São diversas e repletas de especificidades. Uma são tipicamente rurais ou agrícolas; outras são industriais; outras históricas; outras turísticas; algumas podem ser consideradas “mortas” (LOBATO, 1995) ou “imaginárias” (VEIGA, 2002); outras possuem características múltiplas. Mas, todas são pequenas e, assim, têm permanecido, apesar de muitas serem esquecidas, seja pelos teóricos que pensam o espaço, seja pelos políticos e suas políticas. Ou, simplesmente, porque elas não têm expressão política. Se estão, em maior número, em áreas não metropolitanas, também não deixam de marcar presença nas regiões metropolitanas do país. Esta amplitude de cenários deixa explícito que o caso de cidades pequenas na região de Campinas não é uma exceção (MOREIRA JÚNIOR, 2014, p. 83).

Como é possível notar até mesmo na Região Sul/Sudoeste de Minas Gerais, em que Andrade (2018), tratando sobre a região de influência da cidade média de Pouso Alegre, evidencia sua importância na rede urbana da Região Sul/Sudoeste de Minas e também, ao explicar sobre as cidades médias desta região, as quais somam um total de sete, ainda mostra a cidade de Alfenas – MG, uma das cidades onde a presente pesquisa irá se debruçar, incluída neste conjunto.

Dentre as cidades médias do Sul de Minas, Pouso Alegre foi a que apresentou maior evolução na hierarquia urbana regional, no período entre a primeira classificação das regiões de influências das cidades (1966) até a mais recente (2007). Na primeira classificação, Pouso Alegre era considerada como um “Centro Sub-Regional A”, na de 2007 foi definida como “Capital Regional C”, mesma posição de Varginha, sendo estas as duas de maior centralidade na região (IBGE: Região de Influência das Cidades, 2007). Historicamente a rede urbana do Sul de Minas é estruturada em cidades médias, tais como Alfenas, Itajubá, Lavras, Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre e Varginha, sendo estas as de maior importância econômica, as mais populosas, e de maior hierarquia na rede urbana regional (ANDRADE, 2014). (ANDRADE, 2018, p. 130).

Com isso, o autor ainda afirma da maior centralidade exercida pelas cidades de Varginha e Pouso Alegre, mostrando uma maior importância destas cidades na hierarquia urbana da região. Ainda tratando de Pouso Alegre, Andrade (2018) deixa claro que, assim como outras cidades médias, Pouso Alegre exerce tipicamente este papel. Isso se dá pelo fato de que ao mesmo tempo que a cidade exerce influência nas cidades da rede urbana que polariza, também é influenciada por grandes centros urbanos como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, ou seja, Pouso Alegre acaba exercendo um papel de articulação, propriamente dita, entre os grandes e pequenos centros urbanos e entre pequenos centros urbanos até suas redondezas, chegando então até as escalas locais.

A influência da capital regional varia de intensidade sobre cada município de sua hinterlândia, e isto é nítido se verificado a partir dos eixos. Todavia, é importante levar em conta que as cidades polarizadas por Pouso Alegre desenvolvem distintas relações com outras das cercanias e também com espaços externos a região, que são viabilizadas pelos sistemas de comunicações e transportes, e pelas lógicas das redes econômicas e sociais (SPOSITO, 2008). Para exemplificar esta situação, um morador do município de Gonçalves, que precise adquirir um produto industrializado não encontrado no comércio local, para usar em sua hospedaria, possivelmente irá recorrer ao comércio de Paraisópolis, ou mesmo de Itajubá e Pouso Alegre, cidades em maior posição hierárquica na rede urbana regional. Mas a divulgação de seu estabelecimento certamente visará não apenas os habitantes da região circunvizinha, e sim os mais diversos públicos, sem importar necessariamente com a procedência dos clientes. Nos setores industrial, comercial e financeiro esta situação pode envolver, inclusive, agentes externos ao próprio território nacional, como são os casos das multinacionais que possuem negócios na região (ANDRADE, 2018, p. 135).

Deixando claro, dessa maneira, que o global e o local possuem uma estreita relação dialética permeada de disputas e conflitos, conflitos estes que apesar de serem pensados em escala global, é na escala local que acabam se materializando, se articulando com os aspectos sociais, políticos, econômicos, culturas e educacionais, e as cidades médias executam um papel importante neste processo, atuando como mediadoras.

Isto posto, para entender melhor como as cidades médias e pequenas aqui trabalhadas se articulam entre as escalas global e local, torna-se fundamental conhecer suas dinâmicas econômicas, sociais e espaciais, o que será feito nos itens adiante.

Cidades Médias e Pequenas em Minas Gerais

Conforme o IBGE (2010), no estado de Minas Gerais, os municípios com até 500 mil habitantes somam um total de 849, ou seja, um percentual de 99,53% no total geral do número de municípios do estado e um percentual populacional de 79% da população total, como evidencia a tabela 1.

Tabela 1 - Percentual de participação da população das cidades de Minas Gerais no total geral da população em 2010.

Cidades	Participação no total geral da população em %
< 20.000	26,25
20.001 a 50.000	16,84
50.001 a 100.000	13,48
100.001 a 500.000	22,50
Mais de 500.000	20,92
Total	100

Fonte: Censo demográfico 2010, IBGE. Organizado pelo autor.

Como é possível notar, esmiuçando os dados da tabela acima, as aglomerações urbanas menores que 20 mil habitantes correspondem a mais de um quarto da população do estado. Se a soma contemplar as cidades até 100 mil habitantes, essa participação será ainda de mais de 50% da população, o que torna evidente a sua importância no estado, não só das cidades médias, mas também das pequenas cidades, tornando-se uma peculiaridade notável de Minas Gerais.

Em seu estudo para elaboração de uma tipologia para níveis hierárquicos das cidades em Minas Gerais, Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007) elaboraram uma tipologia que seguiu historicamente atualizações e modificações desde os anos 1980. Esta tipologia por eles elaborada divide as principais cidades do estado consideradas médias ou com potencial de tornar a ser uma, em níveis hierárquicos, as quais somam o total de 131. Estes níveis, como salientam os autores, levam em conta 39 variáveis, as quais englobam três principais indicadores, que são a demografia, atividades econômicas e comunicação e transportes.

Os níveis hierárquicos elaborados pelos autores enquadram estas cidades mineiras em quatro níveis. O nível 1 denomina as cidades como Grandes Centros Regionais, como, por exemplo, Juiz de Fora. As cidades deste patamar possuem grande contingente populacional, centros econômicos estáveis e centralizam diversos espaços regionais e por vezes podem ser consideradas como um nível de transição entre uma cidade média e uma cidade grande.

O nível 2 desta hierarquia é chamado de Cidades Médias de Nível Superior. Neste nível, as cidades apresentam um desenvolvimento ligado à indústria, comércio e serviços. Ademais, como lembram os autores, estas cidades fortalecem suas relações em nível regional e estreitam seus laços com centros além dos seus domínios. Como exemplos, temos: Poços de Caldas, Pouso Alegre e Varginha, todas situadas no Sul de Minas.

No nível 3 encontra-se as Cidades Média Propriamente Ditas. Estas cidades são consideradas intermediárias tanto a nível demográfico, hierárquico e de suas funções econômicas, exercendo o papel de intermediação entre os centros maiores e os centros menores de sua rede urbana. Como exemplos, temos Alfenas, uma das cidades abordadas neste trabalho. Já o nível 4 tem-se o que os autores chamam de Centros Emergentes. Estas cidades se encontram em uma transição entre cidades pequenas e cidades médias propriamente ditas, com uma dinâmica demográfica que não ultrapassa 50 mil habitantes, com uma economia em estruturação e forte ligação com o mundo rural. Neste caso, tem-se o exemplo da cidade de Paraguaçu, também onde se executa esta pesquisa e que será mais bem explorada logo adiante. Este estudo, como salientam os autores, busca uma tipologia para estas cidades que não se encontram em regiões metropolitanas.

Entretanto, como já evidenciado anteriormente, assim como existem as cidades de porte médio, há ainda as cidades pequenas e médias que fazem parte de outro contexto urbano, pertencendo às regiões metropolitanas de Minas Gerais, possuem contextos espaciais, socioculturais e econômicos totalmente metropolitanos, como salienta Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007).

Assim, desde o começo das pesquisas, optou-se, por razões teóricas, por não se incluir na pesquisa Belo Horizonte e toda sua região metropolitana. Já se sabia naquela época que, mesmo englobando algumas cidades de porte médio, a atmosfera da RMBH (como de qualquer região metropolitana) modifica o ambiente em que as cidades médias desenvolvem em plenitude as funções e as relações que, teoricamente, se esperam de tais cidades. Em suma, as características mais típicas das cidades médias são modificadas ou mascaradas naquelas cidades, por estarem inseridas em um organismo urbano de dimensão e complexidade bem maiores (AMORIM FILHO; ROGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 8).

Sendo assim, tem-se duas regiões metropolitanas em Minas Gerais, sendo uma a Região metropolitana de Belo Horizonte, composta por 50 municípios (IBGE, 2018), sendo eles: Baldim, Barão de Cocais, Belo Horizonte, Belo Vale, Betim, Bom Jesus Do Amparo, Bonfim, Brumadinho, Caeté, Capim Branco, Confins, Contagem, Esmeraldas, Florestal, Fortuna de Minas, Funilândia, Ibirité, Igarapé, Inhauna, Itaguara, Itatiaiuçu, Itaúna, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Moeda, Nova Lima, Nova União, Pedro Leopoldo, Pará de Minas, Prudente de Moraes, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, Sabará, Santa Bárbara, Santa Luzia, São Gonçalo do Rio Abaixo, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, São José da Varginha, Sarzedo, Sete Lagoas, Taquaraçu de Minas e Vespasiano, somando uma população de 5.414.701 habitantes, bem como na região Metropolitana do Vale do Aço, composta por 28 municípios (IBGE, 2018), sendo eles: Açucena, Antônio Dias, Belo Oriente, Bom Jesus do Galho, Braúnas, Bugre, Caratinga, Coronel Fabriciano, Córrego Novo, Dionísio, Dom Cavati, Entre Folhas, Iapu, Ipaba, Ipatinga, Jaguaruçu, Joanésia, Marliéria, Mesquita, Naque, Periquito, Pingo D'Água, Santana do Paraíso, São João do Oriente, São José do Goiabal, Sobrália, Timóteo e Vargem Alegre, somando uma população de 615.297 habitantes.

Dessa forma, com base também nos levantamentos de Moreira Júnior (2014), percebe-se uma peculiaridade destas regiões metropolitanas em que, na Região Metropolitana de Belo Horizonte das 50 cidades que a compõe, 33 possuem menos de 50 mil habitantes, da mesma forma que na Região metropolitana do Vale do Aço, a qual de suas 28 cidades, 23 apresentam menos que 50 mil habitantes, evidenciando a importância destes contextos urbanos nas regiões metropolitanas mineiras. (MOREIRA JÚNIOR, 2014, p. 83).

Assim, compreendendo um pouco das dinâmicas e tipologias das cidades médias e pequenas de Minas Gerais, é possível adentrar nas cidades em estudo e poder conhecer um pouco mais suas dinâmicas, suas estruturas e seu território, como segue adiante.

Cidade Pequena de Paraguaçu

Paraguaçu é um município localizado na Região Sul/Sudoeste de Minas Gerais e pertencente à microrregião de Alfenas. Conforme o IBGE, 2010, sua população é de 20.245 habitantes e a projeção para 2020 é de 21.605, com uma extensão territorial de 424,296 km². Tratando-se de uma cidade pequena, seu destaque vai principalmente para o setor de serviços agropecuários, com destaque principalmente na produção de café e também industrial, sendo um polo importante no setor de indústrias de confecção de ternos, as quais conforme o IBGE (2020) somam 45 estabelecimentos em um total d estabelecimentos industriais. Atualmente, a cidade possui 11 escolas, sendo 4 escolas municipais de Ensino Fundamental, 3 estaduais sendo uma de Ensino Médio e 3 privadas de Ensino Fundamental²².

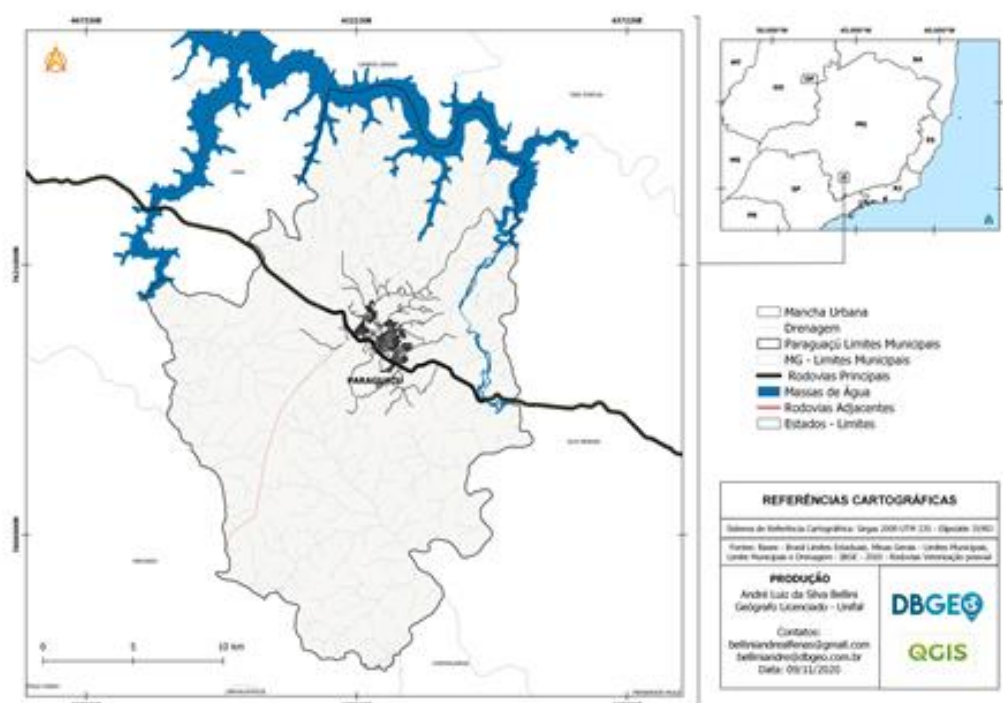


Figura 1 – Mapa de Localização Município de Paraguaçu-MG.

Elaboração: BELLINI, André Luiz da Silva, 2020

No que se refere a economia, a cidade de Paraguaçu apresente um PIB per capita de R\$ 22.067,09 (IBGE, 2010), sendo a 4^o da microrregião e a 175^o do estado. Como se trata de uma cidade pequena, a economia de Paraguaçu se divide principalmente entre Agropecuária, Indústria, Serviços e Administração Pública. Fato peculiar da cidade, como apontam Alves e Esteves (2020), é que a partir de 2010 a cidade de Paraguaçu passa a ter no

²² Fonte: Inepdata, Disponível em: <https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?dashboard>

setor industrial maior participação em sua economia do que o setor agropecuário, o que destoa da região sul mineira, visto que esta tem sua economia baseada na produção cafeeira, fato que pode ser comprovado na Tabela 2.

Tabela 2: Participação dos setores da economia na geração de empregos e no PIB de Paraguaçu.

Setor	Número de empregos gerados em número absoluto	Participação no PIB Municipal em número absoluto (x1000)	Participação no PIB Municipal em %
Agropecuária	640	67.248,08	15,60%
Indústria	1.685	90.957,67	21,10%
Serviços	869	184.424,75	42,80%
Administração Pública	70	88.745,92	20,60%
Total	2.395	431.376,41	100%

Fonte: RAIS/TEM, 2018, IBGE, 2020 e IRMS (Índice Mineiro de Responsabilidade Social) 2018. Organizado pelo autor.

No que tange a sua centralidade, esta é exercida somente entre seus domínios, visto que é pertencente a microrregião de Alfenas e por ela é polarizada, recorrendo principalmente ao setor de serviços. Assim, a cidade pode se configurar como o que Corrêa, 2011, classificando as cidades pequenas, chamaria de lugares centrais ou centros de zona, visto que possui áreas ligadas à industrialização do campo, com áreas agrícolas modernizadas com a confluência do agrário moderno com o urbano. Entretanto, nos últimos anos, a cidade vem se destacando principalmente no setor industrial de confecção de ternos, o que vem dando destaque à cidade, inclusive com a realização de eventos regionais sobre este ramo de comércio. Assim, a cidade pode estar em um patamar que Corrêa (2011) chama de centros especializados.

b) os centros especializados constituem núcleos de povoamento que desenvolvem atividades específicas, as quais conferem-lhes uma identidade singular (centro têxtil, de confecções, celulose e papel, de mineração, de peregrinação, etc.). As outras atividades econômicas que desempenham são mais dependentes da atividade específica e da população a ela diretamente vinculada do que as atividades e população de sua reduzida hinterlândia (CORRÊA, 2011, p. 11).

Neste grau de centralidade, como afirma fresca (2010), podem se apresentar pequenas cidades com níveis de centralidades até expressivos em escalas maiores no que se

refere a alguns produtos, como pode ser o caso da cidade de Paraguaçu, com o setor de confecções e produção de ternos, especificamente, que, como já visto, geram empregos, renda e impostos. Dessa maneira, a cidade pode ser considerada, como corrobora o estudo de Amorim Filho, Rigotti e Campos (2006), que destaca a cidade de Paraguaçu como sendo parte de um grupo de centros urbanos emergentes.

Centros Urbanos Emergentes – Este nível hierárquico é formado por cidades que se encontram na **faixa transicional entre as pequenas cidades e as cidades médias propriamente ditas**. Em termos demográficos, normalmente os centros emergentes não chegam a 50.000 habitantes na sede municipal. A economia desses municípios em geral se encontra em fase de estruturação, podendo, portanto, apresentar desequilíbrios Inter setoriais. Em muitos desses centros emergentes, observam-se importantes ligações com o mundo rural que os envolve (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007, p. 10).

O que também pode ser comprovado pelo estudo de Alves e Esteves (2020), ao tratarem das relações de trabalho da referida cidade, ainda abordam a importância do setor Têxtil não somente no ramo industrial, mas também no comércio e em outros tipos de serviços relacionados ao setor na cidade.

Nas indústrias têxteis de Paraguaçu-MG treze produzem roupas sociais (ternos). Entretanto, se somarmos os empregos gerados no comércio e outros serviços que estão ligados à venda de ternos, a participação será mais elevada. Por esses motivos, Paraguaçu é considerada a “Capital Nacional do Terno” e desde 2017 realiza anualmente a Feira do Terno de Paraguaçu-MG, para atrair compradores e gerar mais negócios na cidade, esse evento ainda conta com auxílio financeiro do governo municipal (ALVES e ESTEVES, 2020, p. 205).

Fato importante a se ressaltar é como estas confecções atuam no município. As mesmas tratam-se de Fações, como lembram Alves e Esteves (2020), esse sistema consiste em trabalhar produzindo para uma outra indústria. Em geral, produzem para grandes indústrias e ao mesmo tempo são autônomos e com contrato, em que seu modo de produção se configura em seguir os moldes e cortes pré-estabelecidos pela empresa, para assim seguirem para a costura e acabamento, com destino final para empresa contratante. Desse modo, apesar de ser uma cidade pequena, observa-se que Paraguaçu, principalmente pela dinâmica de suas indústrias de confecções, insere-se e se articula com outras escalas nacionais e globais do modo de produção capitalista, mostrando sua importância no seguimento e na microrregião.

A Cidade Média de Alfenas

Alfenas é um município localizado na Região Sul/Sudoeste de Minas Gerais, com uma população de 73.774 habitantes e uma extensão territorial de 850,446 km² (IBGE, 2010) e com uma estimativa de 80.494 habitantes para o ano de 2020. A cidade se destaca

principalmente nos setores de saúde e educação, fato que explica a importância do setor de serviços para a cidade.

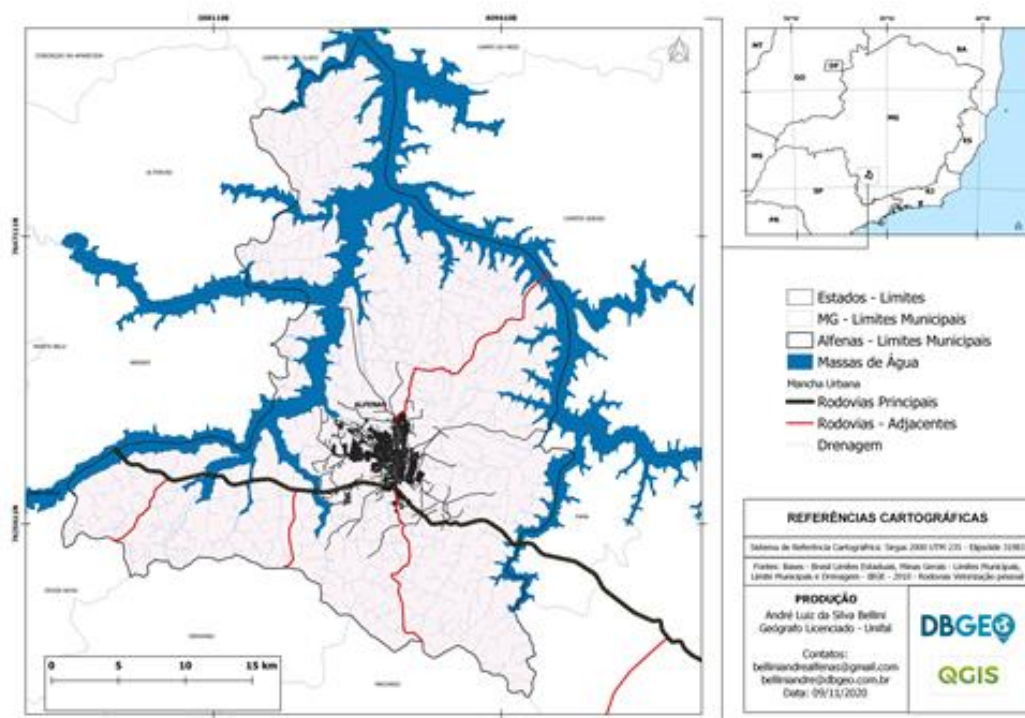


Figura 2 – Mapa de Localização do município de Alfenas-MG.
Elaboração: BELLINI, André Luiz da Silva, 2020.

No que concerne à economia, Alfenas apresenta um PIB per capita de 32.762,64 (IBGE, 2010), caracterizando-se como o maior de sua microrregião e o 97º no estado de Minas Gerais. Ademais, conforme o estudo “Região de Influência das Cidades” do IBGE, 2018, Alfenas se configura como um Centro Sub-regional A, fazendo parte de um conjunto de 96 cidades, que em sua maioria se localizam nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste, as quais possuem em médias 120 mil habitantes (IBGE, 2020).

Tabela 3 – Participação dos setores da economia na geração de emprego no PIB de Alfenas.

Setor	Número de empregos gerados em número absoluto	Participação no PIB Municipal em número absoluto (x1000)	Participação no PIB Municipal em %
Agropecuária	1.887	149.772,43	6,60%
Indústria	2.120	373.442,64	16,50%
Serviços	8.392	1.405.181,08	62%
Administração Pública	314	339.476,87	15%
Total	12.713	2.267.873,01	100%

Fonte: RAIS/TEM, 2018, IBGE, 2020 e IRMS (Índice Mineiro de Responsabilidade Social) 2018. Organizado pelo autor.

Como é possível notar, o setor de serviços predomina na cidade de Alfenas. Tanto no que se refere a geração de empregos como na participação do PIB do município, chegando a mais de 60%. Isso comprova a importância da cidade e a centralidade que exerce pelos serviços que dispõe para o município e sua região de influência. Vale destacar também que o setor agropecuário, o qual se caracteriza como forte na região, visto que, como designam Alves e Esteves (2020), o Sul de Minas é marcado pela cafeicultura e pelas atividades ligadas à agropecuária, os dados da tabela indicam que esse setor, no município de Alfenas, apresenta posição inferior tanto da indústria como da administração pública, o que mostra a perda deste segmento e evidencia a grande relevância do setor de serviços e o ganho de espaço do setor industrial.

Nesse sentido, Alfenas se caracteriza no que Corrêa (2011) designa como Lugar central. Essas cidades são as chamadas Capitais Regionais, em que há uma concentração na oferta de serviços, como no caso de Alfenas, visto que a cidade é a sede do Consórcio Intermunicipal de Saúde (CISLAGOS), o qual foi criado através da parceria entre os municípios da região com o interesse na promoção e assistência à área da saúde, atendendo 35 municípios (Alfenas, Alpinópolis, Alterosa, Arcerburgo, Areado, Bandeira do Sul, Boa Esperança, Botelhos, Cabo Verde, Campestre, Campo do Meio, Campos Gerais, Carmo do Rio Claro, Carvalhópolis, Conceição da Aparecida, Coqueiral, Divisa Nova, Elói Mendes, Fama, Guapé, Guaranésia, Guaxupé, Ilícinea, Juruaia, Machado, Monte Belo, Muzambinho, Nepomuceno, Nova Resende, Paraguaçu, Poço Fundo, Santana da Vargem, São José da Barra, São Pedro da União e Serrania), totalizando 680.000 habitantes e uma média de

100.000 atendimentos por ano²³. Ficando nítida a sua importância, que atinge inclusive cidades que não pertencem a microrregião que Alfenas polariza, de acordo com os dados do IBGE.

Além disso, sedia outros grandes centros hospitalares como o Centro de Oncologia da Santa Casa de Alfenas, que desde 2009 atende 26 municípios pertencentes a regional de saúde de Alfenas²⁴.

Com relação ao setor educacional, a cidade se destaca no ensino universitário, com a presença de uma instituição federal como a UNIFAL–MG e a instituição particular como a Universidade José do Rosário Vellano – Unifenas. Em consequência disso, outros fluxos são gerados, como de alunos e professores que diariamente se deslocam por meio de vans, ônibus ou de seus veículos particulares para Alfenas. Além disso, possui 33 escolas, sendo 9 municipais, 11 estaduais e 13 privadas, sendo que as escolas privadas atraem alunos de cidades pequenas próximas a Alfenas. Há ainda a demanda que surge para outros serviços de áreas específicas, como lojas de materiais odontológicos ou papelarias para plotagem e impressão de materiais, assim como no setor imobiliário, pelo aluguel de casas e apartamento, fortalecendo a especulação imobiliária. O fluxo de pessoas que usam os serviços de saúde e dos estudantes das universidades e escolas particulares geram uma forte movimentação em restaurantes e lanchonetes.

No que concerne ao comércio, a cidade exerce uma importante centralidade em sua microrregião. Alfenas apresenta, entre outros, estabelecimentos comerciais que, geralmente, não se instalam em cidades menores como as de sua microrregião a exemplo de Mart Minas, Lojas Cem, Casas Bahia, Magazine Luíza e Lojas Americanas. Há também diversos depósitos de bebidas que também atraem um fluxo cotidiano de pessoas. Estes estabelecimentos são de grande importância para a cidade, visto que se configuram como um importante elemento do cotidiano da cidade e dos habitantes das cidades vizinhas que se deslocam para Alfenas para realizar suas compras das mais diversas variedades. Esse fluxo pode ser considerado como cotidiano, entretanto, se acentua principalmente nos finais de semana como nas sextas-feiras e nos sábados.

Existem também muitas festas que são realizadas pelos estudantes ou com objetivos de atender os estudantes, como o Carnalfenas, Federal Fantasy e Velório do Carneiro, essas festas tomaram dimensões de grande visibilidades, sendo algumas vezes abordadas em

²³ CISLAGOS, disponível em: <http://www.cislagos.com.br/cislagos/sgs00000/index.php>

²⁴ Santa Casa de Alfenas, disponível em: <https://www.santacasaalfenas.com.br/centrodeoncologia>

matérias televisivas²⁵ e portais de notícias²⁶. Há de se ressaltar, sobretudo, que Alfenas não se caracteriza apenas por estes eventos maiores e pontuais, mas também cotidianamente por festas universitárias menores que ocorrem quase que diariamente e pelos diversos bares e conveniências que atraem principalmente o público jovem. Importante salientar que devido a pandemia da Covid-19 houve uma grande mudança no fluxo para a cidade de Alfenas, visto que este momento exige medidas necessárias de isolamento social, barreiras sanitárias e restrições que proíbem aglomerações. Mas em 2022 as festas voltaram a acontecer e os fluxos de pessoas em busca delas se normalizou.

Com efeito, seja pelos numerosos centros comerciais de diversos seguimentos que atraem pessoas de diversas cidades menores da região, seja pelos serviços oferecidos em saúde, como mencionado anteriormente, assim como em educação, a cidade de Alfenas acaba exercendo seu papel de mediadora.

a) Lugar central, caracterizado por poderosa concentração de oferta dos bens e serviços para uma hinterlândia regional. Neste caso, trata-se do que se convencionalmente denomina de capital regional, foco do comércio varejista e de serviços diversificados, dotado de amplo alcance espacial máximo (range). Na hierarquia urbana situa-se entre a metrópole regional, que está subordinada, pois a ela recorre para procurar bens e serviços superiores, ou dela advêm os capitais que controlam algumas de suas atividades terciárias, e numerosos centros menores, a quem subordina por meio de suas funções centrais. Possui uma elite comercial. (CORRÊA, 2006, p. 31).

Desse modo, vale ressaltar a importância da cidade de Alfenas em sua hinterlândia, entrando também na classificação de Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982) e Amorim Filho, Rigotti e Campos (2006), em que a designam como uma cidade média propriamente dita. Isto porque Alfenas exerce a centralidade em sua microrregião, ao mesmo tempo que é centralizada pelas metrópoles mais próximas, como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, exercendo, então, essa função de mediação com as pequenas cidades, como Paraguaçu, Fama, Areado e etc.

Em suas relações externas, as cidades incluídas no grupo das médias (propriamente ditas) são caracterizadas por certos aspectos bem peculiares. De um lado, tendo em vista seu nível atual de desenvolvimento econômico, sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essas cidades mantêm relações importantes com centros urbanos maiores, em particular como Belo Horizonte, para a maioria delas, ou São Paulo (sobretudo para as do Sul de Minas e do Triângulo mineiro), Rio de Janeiro e Juiz de Fora (para aquelas da Zona da Mata) e, mesmo, Brasília (para as do Alto Parnaíba, e, também, Triângulo Mineiro). De outro lado, essas cidades médias

²⁵ TV Alfenas: <https://www.youtube.com/watch?v=DnSkuPthZe4>

²⁶ G1 notícias: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/03/velorio-do-carneiro-atrai-estudantes-de-varias-cidades-alfenas-mg.html>

continuam a manter relações intensas, constantes e diretas com as cidades menores e com o espaço microrregional a elas ligado. É essa função de ligação entre o espaço rural e as pequenas cidades microrregionais, de uma parte, e os centros urbanos mais importantes, de outra, que constitui a própria essência dessa noção de cidade média, tão bem identificada nesse grupo de cidades que ora se analisa (AMORIM FILHO; BUENO; ABREU, 1982, p. 43).

Fator importante que merece destaque ainda para Alfenas é que, atualmente, a cidade vem ganhando até uma certa importância até mesmo no cenário nacional. No que tange ao seguimento universitário, conforme as pesquisas contidas em “Região de Influência das cidades”, realizadas pela IBGE em 2018, Alfenas é a 8ª cidade do país que mais atrai estudantes para o ensino superior, ficando à frente de diversas cidades, inclusive bem maiores. O que evidencia a sua centralidade e posição superior em sua rede urbana, ficando claro, dessa forma, sua configuração como uma importante cidade média da Região Sul/Sudoeste de Minas Gerais.

Alfenas e Paraguaçu: articulação entre cidade média e pequena

Assim sendo, fica evidente que a cidade de Paraguaçu se configura como uma cidade pequena da microrregião de Alfenas e com um bom potencial para se expandir, principalmente no setor industrial de confecção de ternos. Abaixo segue também um mapa de localização de Paraguaçu e Alfenas, com o intuito de evidenciar a posição das mesmas na microrregião e sua proximidade.

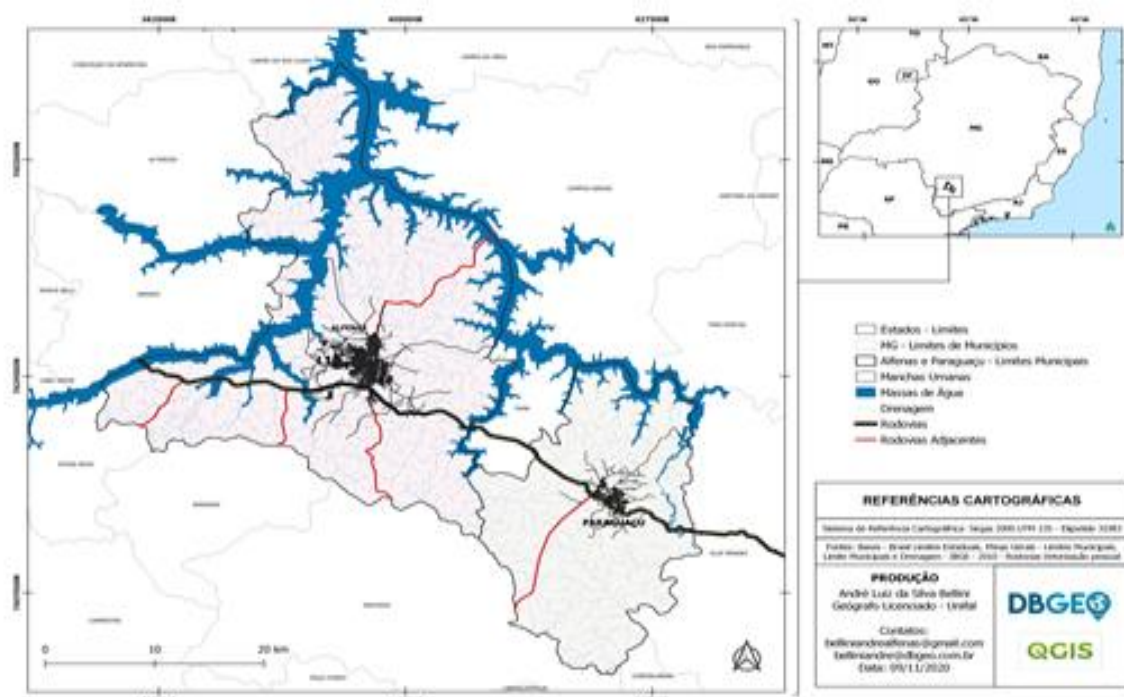


Figura 3 – Mapa de Localização dos municípios de Alfenas e Paraguaçu em Minas Gerais.
Elaboração: BELLINI, André Luiz da Silva, 2020

Conforme o mapa, fica evidente a proximidade entre as duas cidades, uma distância pequena de cerca de 30 quilômetros. Desta forma, a relação de dependência de Paraguaçu em relação à Alfenas se torna muito grande, principalmente no que se refere aos serviços oferecidos por Alfenas, tanto na área da saúde, pelos serviços já citados anteriormente, como na educação, pelos polos educacionais que nela se encontram. Ou seja, as duas cidades mantêm uma forte relação e um fluxo diário entre si, até mesmo no setor financeiro, visto que alguns estabelecimentos bancários, como o Banco do Brasil, não possuem filial em Paraguaçu, fazendo com que muitos clientes se locomovam até Alfenas para serem atendidos quando necessário.

Por conseguinte, é possível notar que pela sua posição e centralidade exercida em sua microrregião, como os serviços oferecidos abrangendo várias cidades, inclusive as não pertencentes à sua microrregião, pela importância do setor industrial na economia e geração de empregos e pelo grande fluxo de serviços oferecidos, a cidade de Alfenas se configura com uma dinâmica mais próxima ao capital hegemônico. Já a cidade de Paraguaçu, polarizada por Alfenas, apresenta-se com uma dinâmica de caráter mais local, entretanto, pela polarização industrial que este setor exerce em seu município e por suas relações com o mercado externo, está ligada ao mercado nacional e global. O fato das atividades agropecuárias não terem uma representatividade maior na geração de empregos e na economia desses municípios, não significa que o rural está em decadência, como lembram Silva e Bernadelli (2019).

A segunda perspectiva para entender as cidades pequenas é a análise do espaço por meio da interpretação de seus conteúdos. Em outras palavras, tratamos da interpretação de dois conceitos caros à Geografia e às Ciências Humanas: rural e urbano, ambos vistos no plano de suas relações. Nesse sentido, admite-se que não houve uma homogeneização de conteúdos e das formas espaciais historicamente pensadas e concebidas para a compreensão da sociedade e dos diferentes modos de vida que compõem o mosaico cultural, sociológico e antropológico da realidade. Por isso, não há o “fim do rural”, mas uma nova interpretação das atividades econômicas que o constituem a partir da tecnificação e da industrialização (SILVA E BERNADELLI, 2019, p. 166).

Assim, não há o fim do rural, mas uma ressignificação de suas atividades através da tecnificação e da industrialização das atividades presentes nessas cidades. Trata-se de uma característica marcante do atual modo de produção capitalista, o que evidencia a imbricação entre a modernização e os aspectos sociais e econômicos na produção do espaço, sendo necessário pensar menos em uma “sobreposição” da cidade em relação ao campo e mais nos arranjos e nas novas formas da relação entre a cidade e o campo.

Considerações Finais

Tanto a cidade de Alfenas como a cidade de Paraguaçu apresentam uma relação muito próxima do espaço rural e urbano, fato que não limite suas atividades as agrícolas, como foi demonstrado no texto, pois a atividade de serviços em Alfenas e a Industrial em Paraguaçu também se destacam, talvez o recorte para compreender melhor essas relações seja o de município e as pesquisas em cidades médias e pequenas têm seguido esse caminho.

Compreender a relação dialética entre as dinâmicas internas e externas das cidades de Paraguaçu e Alfenas, contribui no avanço da análise da rede urbana e das cidades médias e pequenas para além de sua caracterização, mostrando que as particularidades de cada cidade não diminuem ou enaltecem sua importância dentro de uma rede urbana, pois todas estão inseridas em uma divisão territorial do trabalho e sua função é essencial para que o sistema funcione.

Referências

ALVES, Flamarion Dutra; ESTEVES, Thiago Verissimo. RELAÇÕES DE TRABALHO E PRECARIZAÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL DE PARAGUAÇU-MG: O CASO DA PRODUÇÃO DE TERNOS. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho. Presidente Prudente**, v. 21, n. 2, p. 199-227, 2020.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; BUENO, Maria Elizabeth Taitson; ABREU, João Figueiredo. Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro**, v. 12, n. 23/24, p. 33-46, 1982.

AMORIM FILHO, O. B., Rigotti, J. I. R., & Campos, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, 13, 2007.

ANDRADE, Alexandre Carvalho de. A CIDADE MÉDIA E SUA REDE URBANA: AS INTER-RELAÇÕES ENTRE POUSO ALEGRE (MG) E OS MUNICÍPIOS DE SUA ÁREA DE INFLUÊNCIA. **Acta Geográfica**, v. 11, n. 27, p. 126-148, 2018.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. Cidades médias: espaços em transição. São Paulo: **Expressão popular**, v. 20, n. 3, p. 23-33, 2007.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, v. 30, n. 3, 5-12, 2011.

DA SILVA, Paulo Fernando Jurado; DA HORA BERNARDELLI, Mara Lucia Falconi. Formação socioespacial e cidades pequenas: um segmento da rede urbana na porção meridional de Mato Grosso do Sul. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 1, p. 163-181, 2019.

DAMIANI, A. L. Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos. **América Latina: cidade, campo e turismo**, v. 15, n. 8 135-147, 2006.

FRESCA, T. M. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de Geografia. **Geografia (Londrina)**, V. 10, n. 1, p. 27-34, 2001.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator-revista de Geografia da UFC**, v. 9, n. 20, p. 75-81, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - SIDRA. **Censos demográficos**, 1980, 1991, 2000 e 2010.

IBGE. **REGIC 2018**. Rio de Janeiro: FIBGE. 2020.

MOREIRA JÚNIOR, Orlando. **As cidades pequenas na região metropolitana de Campinas-SP: dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re) produção do espaço**. 2014. 311 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2014.

SPÓSITO, M. E. B. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Geografia**, v. 35, n. 1, p. 51-62, 2010.